

INDÍCIOS DE UM ESTILO EM DADOS DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA *

Rosana Mara KOERNER

RESUMO *O estudo objetivou verificar o modo como uma criança em fase de aquisição da linguagem escrita inscreve sua produção em diferentes gêneros discursivos e nesse processo, manifesta algum estilo individual. Para tanto, a opção metodológica que possibilitou o olhar sobre os dados, longitudinalmente coletados, recaiu sobre o modelo proposto por Ginzburg (1986) – o chamado paradigma indiciário. A análise apontou para uma tendência estilística de natureza metaenunciativa do sujeito em questão, tornada explícita na organização dos pontos de heterogeneidade que se infiltram em seu discurso e nos lugares em que assume variadas posições enunciativas e orquestra as diferentes vozes com as quais se manifesta nos gêneros discursivos. A heterogeneidade, tanto do discurso quanto do sujeito enunciativo, é organizada de diferentes modos. Há momentos que revelam uma escrita na qual se fundem recursos de diferentes ordens, conferindo-lhe um caráter heterogêneo. É nesses modos de organização do heterogêneo que a singularidade do sujeito se faz sentir. As bases teóricas são buscadas especialmente em Bakhtin (2000 [1952, 1953]), Possenti (1993), Authier-Revuz (1990 e 1998), Geraldi (1993), Chacon (1998), Abaurre et al. (1993, 1997, 2000 e 2001), Bronckart (1999), Schnewly e Dolz (1999), Signorini (2001) e Silva (1999).*

ABSTRACT *The objective of this study is to verify the way in which a child uses the different discourse genres, and in so doing, produces an individual style during his/her written language acquisition. The methodology adopted for analyzing the longitudinally collected data was based on the model proposed by Ginzburg (1986) – know as indiciary paradigm. The analysis indicated a stylistic tendency of a metaenunciative nature in relation to the subject in question, becoming explicit not only in the organization of the points of heterogeneity that pervade the subject's discourse, but also in the places that assume different enunciative positions, thus orchestrating the various voices which appear in the different discourse genres. The*

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Linguística Aplicada do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 11 de dezembro de 2003, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Raquel Salek Fiad.

heterogeneity, whether related to the discourse or to the enunciator subject, is organized in different ways. On occasion, the subject makes use of resources of different orders, resulting in a heterogeneous way of writing. This heterogeneous organization demonstrates the subject's personal singularity. Authors such as Bakhtin (2000 [1952, 1953]), Possenti (1993), Authier-Revuz (1990 and 1998), Geraldini (1993), Chacon (1998), Abaurre et al (1993, 1997, 2000 and 2001), Bronckart (1999), Schneuwly and Dolz (1999), Signorini (2001) and Silva (1999), were selected for the purpose of giving theoretical support to the research.

O objetivo deste artigo é apresentar as principais conclusões obtidas a partir de um estudo feito com base em dados de aquisição da escrita, nos quais foram buscados indícios que pudessem revelar a emergência de um estilo individual de escrita. Ao buscar a emergência desse estilo, pretendeu-se, no referido estudo, contribuir para a compreensão do processo de aquisição da linguagem escrita no que tange à constituição de um sujeito que escreve de uma dada maneira e inscreve suas escritas em diferentes gêneros discursivos.

Em dados de aquisição, o trabalho lingüístico ganha visibilidade diferenciada daquela obtida em dados de sujeitos já plenamente inseridos em práticas discursivas envolvendo a escrita. É o próprio trabalho que pode ser visto, a sua constituição como tal, o processo de apropriação das ferramentas para a sua realização, a escolha dessas ferramentas, os testes que com elas são feitos, o uso reiterado de algumas delas e o abandono de outras, a constituição de um certo modo de fazer, de um certo estilo de escrever.

Nessa direção, dados de aquisição da escrita, obtidos de forma naturalística, constituindo um *corpus* construído longitudinalmente, como foi o caso desse estudo, mostraram-se particularmente reveladores do trabalho lingüístico empreendido pelo sujeito cujas produções escritas serviram como objeto de análise. Essas produções, que correspondem ao início (provável) da atividade escrita de uma criança – R – até o final da 4ª série do Ensino Fundamental, foram feitas tanto de forma espontânea (na maioria das vezes em situação doméstica), como de forma direcionada, em ambiente escolar. São escritas das mais variadas, produzidas sob diferentes circunstâncias e para diferentes interlocutores. A ampla circulação de diferentes materiais escritos no contexto familiar certamente contribuiu para que R, nesses quase seis anos de atividade escrita cobertos pelo estudo, produzisse uma variabilidade relativamente extensa de textos escritos. Para este artigo, serão apresentadas somente duas produções: uma carta endereçada à professora da mãe (R-01) e um relato feito na 2ª série sobre um passeio feito pela turma (R-02) (apresentadas em anexo).

A possibilidade de olhar para a inscrição da escrita de uma criança nos gêneros discursivos e, nesse processo, a manifestação de um estilo individual, mostrou-se particularmente interessante dadas as características da coleta dos dados —

naturalística e longitudinal —, e a preocupação que envolve o atual PI Subjetividade, alteridade e construção do estilo: pode o estilo individual ser transgenérico?, do qual minha orientadora é uma das pesquisadoras e ao qual minha proposta de estudo passou a estar filiada. Mais que isso, contudo, foi a percepção de que o que ocorria nos textos de R não ocorria nos textos de outras crianças (caso de LM e ML, cujas produções escritas foram objeto de diferentes estudos, com preocupações semelhantes às minhas), que me impulsionou para a realização desse estudo. No quê os textos eram diferentes? Como explicar essas diferenças, considerando que os contextos de aquisição são muito parecidos? Foi na busca por respostas a essas e a outras questões que o estudo foi empreendido. Ao seu final, creio ser possível afirmar que muitas respostas foram obtidas mas, quase como uma consequência, muitas outras questões surgiram, para as quais novas buscas devem ser empreendidas.

Não há como buscar os indícios de um estilo individual sem olhar para o processo de inscrição da produção escrita nos diferentes gêneros e, nesse processo, para a maior ou menor adequação ao estilo do gênero. Muitos aspectos nele envolvidos ganharam visibilidade durante a análise das produções escritas de R.

Considerando, como Bakhtin, que sempre que enunciamos estamos inscrevendo nosso dizer em algum gênero discursivo, então é possível afirmar que o processo de aquisição da linguagem escrita envolve mais do que a aprendizagem de um código, mas também dos usos que dele são feitos. Em dados de aquisição, produzidos de forma naturalística, como é o caso de boa parte do *corpus* desse estudo, tal afirmação ganha um contorno diferenciado daquele que envolve o ensino da escrita na escola. A criança, ao escrever espontaneamente em casa, envolveu-se em práticas discursivas reais (em oposição às simulações tão características das atividades escolares), nas quais estão implicados o conhecimento do interlocutor, a interferência do contexto e uma intenção particular de dizer algo.

Talvez seja exatamente isso que explique o porquê da maior incidência de bilhetes e cartas na fase inicial de aquisição de R. De alguma forma, R percebeu a escrita como um mecanismo de interação mais eficaz do que a expressão oral em alguns contextos, passando a explorar as possibilidades que ela lhe oferecia. Entre elas, o poder de sedução que suas escritas exerciam sobre alguns de seus interlocutores, gerado pelo simples gesto de escrever. Há, ainda, o fato de que a escrita permite a interação mesmo na ausência física dos que nela estão envolvidos. Assim é que bilhetes eram comumente largados em pontos estratégicos na certeza de que seu intuito discursivo seria plenamente compreendido.

Aos poucos, com o ingresso de R nas séries iniciais do Ensino Fundamental, ocorre uma diversificação crescente dos gêneros nos quais se inscreve sua escrita. Há uma profusão de textos ficcionais, sejam eles criados pela própria criança ou resultantes de uma atividade de reescrita e há, também, textos ligados a atividades de pesquisa como relatos e descrições, fichas de leitura, textos de opinião, listas e respostas a questionários, entre outros. O olhar sobre a totalidade da produção

escrita de R, enxergando-a em sua trajetória, permite que se fale de uma certa estabilidade dos gêneros e, portanto, de estilo dos gêneros.

Percebeu-se que, em alguns casos, há uma adequação crescente da escrita de R ao estilo do gênero, embora não possa ser tido como uma constante. A inclusão do remetente e do destinatário de seus bilhetes, por exemplo, parece ser algo que rapidamente se estabiliza em sua produção. O mesmo não pode ser dito sobre a marcação das datas, característica por vezes necessária a esse gênero. A intensa aproximação com o contexto de produção e de recepção dos textos parece gerar em R a sensação de que a marcação do tempo é desnecessária. O mesmo pode ser dito das cartas. Já no caso dos convites e cartões, há uma nítida diferença no que se refere a essa marcação, entre aqueles que são produzidos em casa e aqueles produzidos na escola. Enquanto nos textos escritos em casa, espontaneamente, persiste a despreocupação com a marcação do tempo, naqueles feitos na escola isso não ocorre devido à clara orientação que é dada à criança acerca dos itens que devem constar em um cartão ou um convite. Há, nesse caso, um esforço didático em transformar uma atividade escrita em uma atividade discursiva, mesmo que isso nem sempre ocorra.

Outros gêneros, como listas e passatempos (ou instruções), oferecem poucas possibilidades de desvio do estilo que lhe é inerente, dado o fato de apresentarem características menos flexíveis se comparados com outros gêneros. Talvez seja por isso que as poucas listas e passatempos que R produziu já apresentem, desde o seu início, as características que lhe possibilitam o reconhecimento, o que, de um modo um tanto ousado, permite falar de uma certa estabilidade. Tal situação provoca algumas indagações acerca das possibilidades maiores ou menores que alguns gêneros oferecem para a sua estabilização. Gêneros caracterizados por marcas que lhe são próprias, como os verbos injuntivos no caso dos passatempos e a marcação dos itens no caso das listas, parecem propensos a uma estabilidade mais facilmente adquirida do que aqueles em que certas marcas se estendem por diversos gêneros, como a explicitação do tempo, no caso de cartas, convites, cartões e bilhetes como de relatos e até de histórias ficcionais. É tentador crer que quanto maior o leque de marcas que caracterizam um gênero, maiores serão as dificuldades para a sua estabilização. Talvez resida aí uma das causas para a produção de textos híbridos, nos quais a identificação dos gêneros que ali se fundem nem sempre seja tarefa fácil. É o que ocorre com as propagandas e as notícias produzidas por R, em que se fundem muitos elementos provenientes de diferentes gêneros e que apenas revelam a instabilidade na qual se encontra a sua escrita desses gêneros.

Nos textos produzidos na escola, contudo, a noção de estabilidade dos gêneros deve ser relativizada, já que há o esforço para que a criança adquira um dado gênero, de acordo com o que é previsto para esse gênero. A criança não faz incursões aleatórias na tentativa de reproduzir um ou outro modelo de escrita que julga como o mais apropriado para um dado momento como o faz na escrita espontânea; ela é impedida a produzir de acordo com uma certa estrutura, que lhe é previamente

apresentada. Ou seja, enquanto na escrita espontânea ela tateia, meio às cegas, na direção do estilo de um dado gênero, na escrita escolar, na maioria das vezes, esse estilo já lhe é dado como condição para a própria produção. Nesse sentido, os textos escolares de R, especialmente as histórias e os relatos, mostraram-se particularmente interessantes pelo que revelaram de sua submissão ou não ao estilo que lhe era apresentado.

A princípio, R parece assimilar o estilo dos gêneros que lhe são apresentados, submetendo-se a ele. Atua como narradora de seus textos, mantendo o controle dos fatos narrados, apresentando todas as personagens envolvidas, além de situá-los em um dado tempo e lugar. Em diversos momentos, há a reprodução dos incícios e finais estereotipados tão previsíveis em histórias imaginárias e que funcionam, certamente, como uma marca típica desse gênero. Aos poucos, contudo, R parece querer desvincilhar-se de uma certa rigidez que orienta a produção desse tipo de texto, não se submetendo mais a ela de forma tão tranqüila como vinha, até então, fazendo. É quando seus textos se tornam explicitamente polifônicos, falando neles a voz do sujeito, do autor, do narrador e, por vezes, do leitor e da personagem; quando os segmentos estereotipados são questionados e deliberadamente abandonados; quando o próprio código escrito é desnudado em seus limites expressivos, pulverizado com a introdução de elementos gráficos ou até com a intromissão da linguagem oral.

Apesar disso, a identificação do gênero (o seu estilo) não é afetada: continuam sendo histórias e relatos o que R produz. Contudo, é no espaço à margem desse estilo que R circula com o seu próprio estilo, sem desestabilizar o funcionamento do gênero. Ela aproveita os espaços oferecidos por certos gêneros para neles demonstrar a sua expressividade. E essa expressividade, quase sempre, é gerada ou dirigida por sua preocupação constante para com o ato interlocutivo, especialmente para com o seu interlocutor, presente não só em histórias e relatos, mas também em outros gêneros, como cartas, propagandas, notícias e bilhetes. Para manifestá-la, R usa diferentes recursos, cujo emprego está relacionado com o contexto de produção, com os interlocutores a quem se dirige, com o estilo do gênero, com o seu intuito discursivo, e até com o portador do texto.

É a atividade de agenciamento desses recursos que dá visibilidade a uma certa tendência estilística de R, aqui denominada como metaenunciativa. O que parece orientar o uso desses recursos é o reconhecimento da heterogeneidade que constitui o discurso e a necessidade de controlar a dispersão que essa heterogeneidade poderia provocar. O uso dos sinais de pontuação, especialmente aqueles que possibilitam a marcação de apostos, notas explicativas ou comentários adicionais, dão pistas desse reconhecimento. Há uma profusão de parênteses, asteriscos e vírgulas, que aparecem em diferentes gêneros, mais intensamente utilizados depois que o domínio da escrita, de uma certa forma, já havia se consolidado. No entanto, a preocupação com a organização do heterogêneo já se manifestara antes mesmo desse domínio, através de marcações bem mais singelas e limitadas, como os enquadramentos de trechos de sua escrita para evitar confusões ou dar destaque, e o uso de recursos que

ultrapassam em muito a limitação da linguagem escrita, mixando-a com recursos de outra ordem (como as setas indicativas e a disposição gráfica de certos elementos), o uso de setas indicativas e a explicitação do sujeito a que se refere o pronome (“*Eu Raquel*” e “*Se eu gosto de você Este [Ester].*”) (muitos desses recursos podem ser percebidos em R-01.) É possível, nesse momento, especular sobre o caráter indiciário dessas marcações. Parecem poder ser tidas já como pistas da tendência de R em orientar a leitura do seu interlocutor, para que ela se dê conforme o seu intuito discursivo, feitas mais tarde a partir do uso intenso dos sinais de pontuação? Como explicar esse uso sem levar em consideração que isso é parte de sua expressividade?

Na produção escrita de R, além dos modos de organização da heterogeneidade do discurso, há a explicitação da heterogeneidade do próprio sujeito enunciador. R circula por diferentes posições enunciativas, delas falando através de diferentes vozes, todas plenamente orquestradas por sua ação enquanto sujeito enunciador. Essa circulação confere aos seus textos uma dinâmica gerada mesmo pelos deslocamentos, ao mesmo tempo que denuncia tanto do universo de leitura de R como de uma possível “ousadia” sua em não se adequar aos modelos aos quais é apresentada.

Em R-02, essa circulação pelas diferentes posições pode ser claramente percebida. R inicia o seu relato como narradora que introduz duas personagens — Roberto e Clara. Logo em seguida, coloca-se no texto: “*Uma terça-feira, eu fui no mesmo lugar que eles.*”; não só descrevendo suas ações mas também as suas impressões pessoais (“*Embora ela ter tantas vacas fedorentas... Tive que entrar.*”). Talvez nesse caso, seja a voz do sujeito R que esteja se fazendo ouvir, defendendo-se (ou antecipando-se). Ao perguntar sobre as duas personagens introduzidas bem no início do texto e que depois não mais apareceram, R age como enunciador que controla todos os aspectos textuais: “*Há! Isso a gente vai ver já já!*” e todas as expressões: “*...E sabe por que tantos ‘pocotoc’?*” A informação quanto ao que deve ser considerado como o andar de Roberto com o seu cavalo (“*Isso não é ta? É isso que vem agora.*”) e o trecho em seguida, excetuando-se a última frase, são representativos da voz da enunciatrice, capaz de orientar a leitura a ser feita por seu interlocutor.

A aparente reprodução de um ícone próprio da linguagem de computador — “*PAUSED*” (também usado em um outro texto, ficcional) — parece querer reproduzir um dado gesto de interromper uma atividade, suspendendo-a momentaneamente, para daí falar com seu interlocutor, pedindo-lhe a opinião sobre o texto. Trata-se de uma expressão que aparece na tela do computador quando há a interrupção de um jogo, atividade muito praticada por R. Há uma suspensão momentânea do tempo ficcional para a introdução de dizeres advindos de um outro tempo — o tempo do sujeito enunciador.

Nesse texto, R opta por um desfecho que retoma as personagens iniciais, falando aí a voz da narradora. Ao criar as personagens — Clara e Roberto —, R parece criar um mundo ficcional que está baseado, na verdade, em um mundo real,

no qual se encontra inserida. Misturam-se, nesse texto, esses dois mundos, nos quais circulam tanto a narradora como a enunciadora.

Parece difícil não considerar os modos como R organiza o heterogêneo (tanto do discurso como dela enquanto sujeito enunciativo que nele se constitui em sua singularidade discursiva) como algo pertencente a um estilo individual de enunciar, ainda mais se considerarmos que eles ultrapassam os limites do estilo dos gêneros. Nesse sentido, talvez seja possível afirmar que o estilo individual é transgênico, mesmo que haja gêneros em que ele se manifeste mais explicitamente que em outros; ou, mesmo que haja contextos de produção em que o estilo individual (ou, talvez, o estilo individual de R, mais especificamente) corra o risco de ser sufocado por uma pretensa homogeneização dos modos de escrever/dizer. Na análise do *corpus* foi possível perceber que R intensifica sua interação com o seu leitor no espaço que lhe é dado, tanto na escola quanto em casa, especialmente a partir da proposta de produção de textos cujo estilo permite a manifestação do seu estilo individual.

Quando esse espaço é reduzido em função da intensificação da produção de determinados gêneros, cujo estilo não oferece muitas possibilidades de manifestação individual, o que ocorreu especialmente a partir da 3ª série, R passa a aproveitar todas as brechas possíveis, seja nos estilos desses gêneros, seja nos contextos de produção. Assim é que, na produção doméstica, a manifestação de sua expressividade é muito mais explícita do que na produção escolar, em que ela se torna perceptível no uso mais cauteloso dos sinais de pontuação, na introdução de pequenas perguntas dirigidas ao leitor, na explicitação do seu trabalho de sujeito enunciativo que decide acerca do uso ou não de certas expressões estereotipadas.

Não se pode perder de vista, nesse ponto, que muito da expressividade, do estilo individual, está relacionado com o tipo de contato que R mantém com o seu interlocutor, seja ele presumido ou não. É muitas vezes no jogo desses contatos que certos recursos são ou não empregados, num trabalho cada vez mais consciente de escolha. Desse modo, parece possível afirmar que a manifestação do estilo individual está na dependência não só dos espaços permitidos pelo estilo dos gêneros, mas também dos espaços oferecidos pelos contextos de produção, destacando-se aí o papel assumido pelo interlocutor.

A partir dessas colocações, amplia-se em muito a complexidade que envolve o processo de aquisição da linguagem escrita. Tudo não pode ser resumido à simples aquisição de um código (que, na verdade, não é tão simples!); é muito mais! É reconhecer as possibilidades que esse código oferece para a veiculação do intuito discursivo de um sujeito que se singulariza também nesse processo, inscrevendo sua escrita em modelos discursivos já sócio-historicamente constituídos para as práticas interativas e, ao mesmo tempo, irrompendo esses modelos com a sua singularidade constitutiva. É aprender a fazer escolhas que podem, sim, tanto explicitar o estilo individual como escondê-lo. É adquirir controle sobre o ato enunciativo, percebendo tanto as condições que ele impõe como as liberdades que ele permite. É, de fato,

trabalho: não a simples repetição de um gesto mecanicamente aprendido, mas a ação consciente de um sujeito que “manipula” a matéria-prima dando-lhe a forma desejada.

Nesse sentido, pela agenciamento recorrente que R faz de diferentes recursos tanto para organizar a heterogeneidade do discurso como para dar visibilidade à sua heterogeneidade enquanto enunciadora, parece possível falar, ainda que timidamente, dada a provisoriedade que caracteriza os dados de aquisição da escrita, em um certo estilo de R.

É um estilo caracterizado especialmente pelas atividades metaenunciativas que singularizam a produção escrita do sujeito R, tornando-o único. É a inscrição em formas estabilizadas de enunciados — os gêneros do discurso — que garante o reconhecimento e a possibilidade de circulação da escrita de R, cumprindo, assim, uma função social. A manifestação do estilo parece residir no espaço limítrofe entre o repetível, como exigência do caráter social da língua, e o singular, como necessidade do sujeito de fazer emergir sua voz dada sua condição de sujeito sócio-historicamente situado. É nesse espaço que o sujeito se manifesta estilisticamente, assumindo-se como sujeito de um dizer que é seu, mas que, nem por isso, prescinde do dizer de outros. É o espaço possível para a orquestração das diferentes vozes que podem se fazer ouvir, com maior ou menor sintonia, no texto; para a seleção dos recursos expressivos que atendam a um dado intuito discursivo; para a tomada de diferentes posições enunciativas. Em dados de aquisição da escrita, talvez esse espaço seja ainda mais limítrofe, considerando-se que se trata do início da atividade de circulação pelos usos sociais da escrita. É o início da ação do sujeito com a escrita, são os momentos iniciais do trabalho lingüístico empreendido por esse sujeito. É nesse trabalho, como visto ao longo do estudo, que irrompe a voz do sujeito que busca o seu espaço, ainda que limítrofe, para nele constituir-se em sua singularidade estilística.

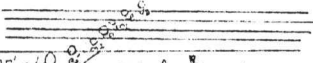
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. (1993). Explorando os limites da sistematicidade: indícios da emergência de traços estilísticos na escrita infantil. Estudos Lingüísticos. XXII Anais de Seminários do GEL, Jaú, Ribeirão Preto, v.1, p.196.
- ABAURRE, Maria Bernadete Marques. & et.al. (1997). *Cenas de aquisição da escrita: o sujeito e o trabalho com o texto*. Campinas, SP: Associação de Leitura do Brasil (ALB): Mercado de Letras.
- _____. (Jun./2000). *Investigando a singularidade dos sujeitos no processo de aquisição da escrita*. Educação em Revista, Belo Horizonte, n. 31, p.135.
- _____. (2001). *Subjetividades, alteridade e construção do estilo: pode o estilo individual ser transgenérico?* — Projeto Integrado de Pesquisa. Campinas — SP, Instituto de Estudos da Linguagem — UNICAMP.


- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. (jul./dez., 1990). *Heregoneidade(s) Enunciativa(s)*. [Trad. de Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi] Cadernos de Estudos Lingüísticos, Campinas-SP, n.19, p.25.
- _____. (1998). *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1952, 1953]. [Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira]
- BRONCKART, Jean-Paul. (1999). *Atividades de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. [Trad. Anna Rachel Machado, Pericles Cunha] São Paulo; EDUC.
- CHACON, Lourenço. (1998). *Ritmo da escrita*. São Paulo: Martins Fontes.
- GERALDI, João Wanderley. (1993). *Portos de passagem*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- POSSENTI, Sírio. (1993a). *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes.
- SCHNEUWLY, Bernard. & DOLZ, Joaquim. (1999). *Os gêneros escolares: das práticas de linguagem aos objetos de ensino*. Revista Brasileira de Educação. ANPED: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, n.11, p.05, Maio, Junho, Julho, Agosto.
- SIGNORINI, Inês. (2001). *Construindo com a escrita "outras cenas de fala"*. In SIGNORINI (Org.), Inês. Investigando a relação oral/escrito. Campinas — SP: Mercado de Letras.
- SILVA, Jane Quintiliano G. (1º Semestre de 1999). Gênero discursivo e tipo textual. Belo Horizonte, SCRIPTA, v. 2, n. 4, p. 87.


ANEXOS

R-01

Porque não? Eu sei ler demais e to te dar cartas mas não sei escrever (27/05/00) eu aprendi na aula de música, a clave de sol! Quer ver? $\text{D} \cdot \text{E} \cdot \text{F} \cdot \text{G}$ a a carta é clara, está aí! $\text{A} \cdot \text{B} \cdot \text{C} \cdot \text{D}$! E também eu aprendi isso que eu não sei o nome, só sei que eu vejo agora desenha as lutas:  legal, né? Bem, agora veja as coisas que eu escrevi a $\text{D} \cdot \text{E} \cdot \text{F} \cdot \text{G}$ desenha! $\text{A} \cdot \text{B} \cdot \text{C} \cdot \text{D}$ LIMITA POR USO DE REGUA, É SÓ PRAO!

é isso que
queria
ver
ninguém?
sim () não ()
eu gosto de
ver
bom
Vladimir!
()

Você sabia que eu sempre quis te conhecer? agora, 

esse Rafael Salazar 

(há... o Eter acabou de me dizer a minha doçura, é perfeito)

Responda a S.M.C ou a NÃO () ?

Você agora conseguiu olhar direito a minha carta? Espero que sim!

Johann


ex: 1000

Suntato - 1980

Luis

Reduções de Textos e Tems dirigidos.

. A vida no campo...

Um dia, Roberto e Clara foram no campo, pois eles eram da cidade. Uma terça-feira, em primeira mesma lugar que eles. Então, na primeira parada: Enalhei uma mulher, de lá, trazendo leite de uma de suas vacas. (Embora ela tenha todas vacas pedregosas... Qual que era?)
 O nome dessa moça é dona Anita. E o sobrenome dela se chama Dr. Rinaldo. O nome da moça é, só que, é claro, em parte local.
 - Mas e o Roberto e a Clara? - Ah! Uma a gente não sabe se já! Então, Roberto, andou com o seu cavalo fazendo essas coisas aí, não é? Não é isso que vem agora? ^{pois é} ... E sabe por que tocou "poetas"?

É por causa que Roberto andou muito muito longe. Agora, não dá para da, se não quiser. (PAUSE) ... E então? Clara e Roberto, a gracinha? Agora não vem... E então Clara foi com Roberto, tomaram café e fim. ¹⁹⁸⁰